

Conhecimentos e habilidades para o trompetista na atualidade: uma revisão de literatura

Comunicação

Rodrigo Gontijo Batista Teixeira
Universidade de Brasília - UNB
rodxgb@gmail.com

Resumo: O presente trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa no curso de mestrado profissional em Artes - PROFARTES da Universidade de Brasília - DF, denominada "Perfil do Trompetista: um estudo sobre conhecimentos e habilidades para a formação de trompetistas no ensino profissionalizante do instrumento em nível técnico". Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender que conhecimentos e habilidades são considerados relevantes para os trompetistas, como eles se formam, qual a contribuição e limites das instituições formais de ensino e qual a relação entre essa formação e as demandas em suas atuações, profissionais ou não. Essa comunicação traz a revisão de literatura sobre o que tem sido considerado como relevante na formação de trompetistas, que conhecimentos e habilidades são priorizados e por quê. Resultados prévios apontam a ênfase na preparação técnica voltada para a música erudita, com alguns autores indicando também, o jazz e a música popular. Enfatizam também que o conceito de técnica para o trompete é abrangente e ponto de partida para qualquer outro repertório, pelas características do instrumento, o que pode explicar a ênfase nessa dimensão. Com conclusão, pretende-se questionar até que ponto essa formação técnica formal e voltada para a música sinfônica se adequa, também, a outras demandas de execução, com repertórios, performances e resultados sonoros diferenciados.

Palavras-chave: Formação do trompetista; Conhecimentos e habilidades do trompetista; Atuação do Trompetista

I. Introdução

As oportunidades de atuação do trompetista na atualidade têm se diversificado para vários espaços e contextos, profissionais ou não, tanto no campo erudito, popular, ou mesmo em gêneros e manifestações culturais no país. Tocar em orquestras, em bandas militares, grupos de câmara, casamentos, festividades, carnavais, grupos de frevo etc. São alguns dos espaços onde um trompetista pode atuar. Tratando-se especificamente no enfoque do programa de ensino do curso profissionalizante de nível técnico do Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília-DF, notamos que no decorrer dos anos lecionando na instituição, dificuldades em sala de aula com os meus alunos e em suas práticas, ao conectar coerentemente as trajetórias formativas dos alunos de trompete do curso técnico e o atual

programa ensinado de acordo com as possibilidades de inserção laboral. Pois são grandes os desafios encontrados pelo músico trompetista em seu desempenho profissional no século XXI, como descrevem Mota Júnior e Schwebel (2015):

Os desafios para o músico performer, considerando as mudanças dinâmicas na indústria musical do século XXI, estão centrados nos processos de formação musical. Busca-se, então, uma formação em que priorize a qualidade, acessibilidade, diversidade e flexibilidade. É conveniente lembrar, também, que uma única possibilidade de atuação profissional, nesse caso específico: o ato de “tocar”, não é a mais adequada nos dias atuais. Por isso, julga-se necessário um maior engajamento e entrelaçamento entre o meio formador - a escola, com o espaço de atuação - múltiplos espaços. (Mota Júnior; Schwebel, 2015, Pg.07).

Não é incomum que ele/ela, trompetistas, atuem em diversos espaços, executando repertórios variados, com gêneros e estilos diferentes. Murine (2013) observa em sua pesquisa nos Estados Unidos da América que para ser um trompetista completo, você deve conhecer diversos estilos e gêneros musicais, e que as escolas e universidades norte-estadunidenses ensinam jazz e gêneros e estilos clássicos, mas na maioria das vezes omitem estilos musicais comerciais, como soul, funk e pop. O autor complementa que estudar os estilos indicados é fundamental para o avanço musical de um trompetista profissional. E que o principal objetivo do professor de trompete deve ser educar os alunos e dar-lhes a capacidade de serem bem-sucedidos como educadores/intérpretes. Ele complementa afirmando que se um gênero ou estilo musical específico não for abordado na educação de um aluno, então esse aluno não terá o conhecimento adequado para tocar esse estilo com precisão.

Considerando essa diversidade de espaços de atuação dos trompetistas, e tendo em vista a necessidade de conhecimentos e habilidades diversos para atuar nesses espaços, pergunta-se: Que habilidades e conhecimentos são considerados necessários para atuar nesses múltiplos espaços? Onde os trompetistas se formam? Como se caracteriza essa formação? Qual a contribuição das escolas técnico profissionais? Qual a relação entre a formação do trompetista em escolas especializadas e as demandas da atuação?

Conhecer melhor as demandas dos locais de atuação de trompetistas, profissionais ou não, e suas trajetórias formativas, poderá fornecer uma base e um ponto de partida para refletir sobre possibilidades de expansão de programas oferecidos em escolas profissionalizantes de nível técnico, abrindo espaço para discussões e sugestões de ampliação dos programas atualmente existentes. Mesmo considerando que as instituições de ensino são

apenas um dos muitos lugares e maneiras de formação, podemos inferir que as instituições formais podem experimentar outros formatos, expandindo seus programas para que o trompetista tenha uma formação musical mais ampla, abrangente e próxima das demandas atuais de atuação.

Essa versatilidade é destacada como essencial tanto para a carreira musical quanto para o aprendizado instrumental, conforme a pesquisa de Vilão (2015), que enfatiza a importância da versatilidade na performance musical, incluindo-se o ensino de improvisação e a abordagem de diferentes gêneros musicais como Jazz e ritmos latinos no ensino-aprendizagem do trompete. Complementando essa ideia, Hickman (2006) também acredita que os trompetistas devem se envolver com uma variedade de repertório, incentivando os alunos a tocarem desde peças clássicas até jazz, música contemporânea e solos populares, aprofundando-se em aspectos da história do trompete, sua evolução ao longo do tempo e os diferentes estilos musicais em que o trompete é utilizado.

Com o objetivo de compreender a formação e atuação de trompetistas, foram realizados um questionário com vinte e três trompetistas, uma análise documental de sete programas de ensino de trompete, cinco nacionais e uma internacional e um levantamento sobre os conhecimentos, habilidades e atitudes de trompetistas na atualidade, de acordo com a literatura.

2. Conhecimentos e habilidades do trompetista

Diferentes conhecimentos e habilidades emergem na literatura sobre o perfil do trompetista. O tema com maior recorrência, detalhe e profundidade é sobre a técnica no instrumento, seguido por práticas de estudo, leitura, repertórios, estudos melódicos e de interpretação, experiência com grupos e improvisação no jazz.

2.1. Conhecimento técnico

O conhecimento técnico foi o tema com maior frequência na literatura (Dissenha, 2008; Campos, 2010; Coelho, 2013; Hickman, 2006; Freitas, 2012; Charrinho, 2014; Maestrelo; 2010; Simões, 2010; Farkas, 1970; Cascapera, 1989; Vecchia, 2008). Segundo Vecchia (2008) o aprendizado de um instrumento da família dos metais, assim como qualquer outro instrumento musical, é um processo gradativo que envolve habilidades físicas, mentais e musicais que dependem essencialmente do contato do aluno com o instrumento, aulas,

estudo, orientação do professor e experiência musical prática. Como observa Dissenha (2008):

Os fundamentos técnicos ou habilidades técnicas são os pré-requisitos para tudo o que desejamos tocar. Eles funcionam como um roteiro, um caminho conhecido de como iniciar corretamente a prática diária, onde estabelecemos como prioridade organizar os estudos e efetivamente praticá-los (Dissenha, 2008, pag.10).

Mesmos autores que discutem outros conhecimentos e habilidades também mencionam a importância da técnica para o trompetista, visto ser um instrumento de embocadura, transpositor, e não temperado. Há, portanto, um amplo espectro de habilidades incluídas como "conhecimento técnico": respiração, embocadura, articulação, controle do timbre, digitação, registro, dinâmicas etc. Destaca Charrinho (2014, p. 54) que a busca pela melhor qualidade e controle do som, fundamental para um trompetista, exige a coordenação de diversos aspectos físicos e técnicos. Portanto, é essencial desenvolver uma rotina diária de exercícios técnicos, cuidadosamente planejada para melhorar a qualidade do som, articulação, flexibilidade, registro, resistência e controle da respiração. Esta rotina deve ser ajustada às capacidades individuais do instrumentista e ao tempo disponível, incluindo períodos de descanso para manter os músculos do lábio e embocadura frescos, aproveitando esses momentos para exercitar o ouvido ou realizar dedilhados sem tocar (Sachs, 2002, p. 7). Assim, a prática organizada e contínua é determinante para o aperfeiçoamento técnico e artístico do trompetista.

Segundo Campos (2010), o desenvolvimento técnico do trompetista envolve uma "compreensão detalhada e prática de elementos como embocadura, respiração, articulação e controle do timbre, os quais são fundamentais para a produção de um som de qualidade e a manutenção da resistência física durante a execução" (p. 45). O autor enfatiza que a embocadura, a respiração e a articulação são aspectos críticos que devem ser trabalhados continuamente para alcançar um desempenho musical de excelência. A respiração para um trompetista é fundamental, pois ela é a base para a produção do som no instrumento. O estudo sucessivo das técnicas de respiração, posicionamento do bocal, emissão da nota e postura resulta na memorização muscular, e uma vez que esses fundamentos estejam bem estabelecidos, é pouco provável que ocorram problemas com a embocadura (FARKAS, 1970). Enfatiza Cascapera (1989) a necessidade central para tocar trompete reside no controle do ar, destacando que lábios e músculos, isoladamente, não conseguem produzir notas agudas ou

graves sem um fluxo de ar adequado. Davidson (1975) acrescenta que o controle da respiração envolve todo o aparelho respiratório, desde o tórax até a cavidade abdominal, indicando a complexidade e a integralidade do processo respiratório no desempenho musical do trompetista. Portanto, a técnica respiratória adequada é indispensável para a qualidade e eficiência da performance no trompete, refletindo diretamente na capacidade de produzir um som preciso, controlado e limpo.

Hickman (2006), Baptista (2010) e Coelho (2013) trazem a importância de construir uma base sólida de habilidades técnicas, desenvolvida por meio do estudo e de uma prática regular, sendo fundamental a aprendizagem de mecanismos relacionados com o funcionamento da respiração, articulação, digitação, flexibilidade, notas longas, escalas, ampliação de registro grave-agudo, embora hajam diferentes caminhos para se obter o mesmo fim. Seguindo a mesma linha, Baptista (2010) aborda que uma rotina de estudos que contenha diferentes exercícios mantém o trompetista tecnicamente apto e com bom condicionamento físico, capacitado a estabelecer longas rotinas de estudo que envolvam: aquecimento, estudos técnicos, estudos melódicos e repertório. Para o autor, o aquecimento deverá ser usado com o objetivo de estimular a musculatura e evitar o inchaço labial, e os estudos técnicos como escalas maiores e menores, arpejos, estudos de intervalos, estudos de flexibilidade, serão praticados com o objetivo de desenvolver o condicionamento em relação à tensão e ao relaxamento dos músculos e dos lábios.

O autor também aborda a importância dos estudos melódicos, estes terão como objetivo dar controle e fluidez à técnica adquirida, além de capacitar o estudante para a prática de repertório do trompete. Em sua pesquisa sobre a metodologia dos estudos para trompete, Baptista (2010) discute como os estudos melódicos privilegiam a interpretação, sendo seu foco principal fazer o estudante praticá-los sem pensar nas questões técnicas. Dentro dos estudos melódicos, existem uma série de indicações de andamento, caráter e dinâmica, que o estudante deverá, com a prática, interpretar de maneira fluente. Eles devem capacitar o estudante a desenvolver plenamente sua musicalidade (Baptista, 2010).

2.2. Conhecimento de Leitura musical e repertórios

A capacidade de ler partituras com fluência é outro conhecimento considerado relevante para trompetistas, por ser a possibilidade de conhecer repertórios e estilos musicais (Silva, 2015; Stevenson, 2008; Baptista, 2010). De acordo com Silva (2015):

A habilidade de ler partituras com fluência é crucial para o trompetista, pois permite a execução de uma ampla variedade de repertórios e estilos musicais. A familiaridade com diferentes tonalidades e compassos expande significativamente as oportunidades de atuação profissional. (Silva, 2015, p.123).

Silva enfatiza que a leitura musical eficiente é uma competência essencial que deve ser desenvolvida continuamente para garantir a versatilidade e a adaptabilidade do músico. É a leitura, segundo os autores, que abre as portas para repertórios, solo, camerístico ou sinfônico e a inclusão em grupos musicais onde a leitura é necessária.

Preconiza Stevenson (2008) que a exposição ao repertório solo é essencial para o desenvolvimento do jovem trompetista, uma vez que estas obras fornecem uma saída para os alunos crescerem como músicos individuais. Juntando a capacidade de execução com a preparação técnica, o autor diz que, como a literatura solo, do ponto de vista técnico, é muitas vezes significativamente mais desafiadora do que as partes que executam no repertório conjunto, os alunos podem não considerar os seus benefícios adicionais. E o autor complementa observando que, frequentemente, os jovens estudantes carecem de abordagens básicas para a prática, bem como de desenvolvimento técnico em seu instrumento.

Também Baptista (2010) enfatiza a importância do estudo do repertório solo do instrumento como base para o desenvolvimento musical, uma vez que, para o autor, o aprendiz trabalhará com as questões musicais estabelecidas neste repertório após um longo trabalho físico e técnico, previamente escolhido e desenvolvido. Assim, estará apto a desenvolver-se musicalmente. Como a literatura solo, do ponto de vista técnico, é muitas vezes significativamente mais desafiadora do que as partes que executam no repertório conjunto, os alunos podem não considerar os seus benefícios adicionais. E o autor complementa observando que, frequentemente, os jovens estudantes carecem de abordagens básicas para a prática, bem como de desenvolvimento técnico em seu instrumento.

Para Corrêa (2003), o trompetista deve conhecer o repertório específico do seu instrumento, executá-lo de maneira mais precisa possível, observando todas as técnicas necessárias: os estilos, articulações e fraseados para uma performance musical precisa. Para Johnson (1981, p. 19), “[...] as considerações artísticas devem sempre preceder e determinar meios mecânicos”.

Pérez (2022) discute a importância do conhecimento do repertório orquestral como opção de inserção laboral para os trompetistas. O autor entende que fazer parte de uma

orquestra sinfônica é uma das opções profissionais mais almejadas pelos estudantes de bacharelado em trompete. Nas audições para ingresso em uma orquestra, os excertos orquestrais têm um peso muito importante, ocupando sempre a fase final das audições.

Alguns autores citam a importância de conhecer outros repertórios, além do orquestral e solo, mas a tendência é entender que "a técnica é a mesma" para qualquer estilo ou gênero musical. Charrinho (2014) entende que a técnica necessária para tocar o instrumento é a mesma para a música orquestral ou o jazz, abrangendo aspectos como embocadura correta, respiração, coordenação motora, controle do som e afinação.

2.3 A interpretação, a transposição, a improvisação, os conhecimentos teóricos e outros

Dando continuidade sobre os saberes necessários ao trompetista, a transposição é citada como técnica fundamental para o instrumentista em sua performance. Simões (2001) destaca a importância de tal habilidade, afirmando que o transporte é um dos requisitos básicos para um trompetista da orquestra sinfônica, camerista ou solista, estando presente nos programas de concursos e estabelecimentos de ensino.

Já em Schuller (1962), em seu livro "Horn Technique" discorre sobre o que entende e como desenvolver a interpretação, outra habilidade necessária para os instrumentistas em geral. Ele apresentou alguns critérios que deveriam servir como referência para uma boa interpretação: o ritmo, precisão, estabilidade e controle, afinação, contrastes de dinâmica, timbre, comunicação musical e impressões gerais (p.89-90).

A prática de estudos coletivos tem se mostrado eficaz no aprimoramento da execução das quintas justas por trompetistas, conforme investigado por Scheffer (2012). Músicos que tocam instrumentos não temperados, como o trompete, precisam ajustar a frequência em tempo real, um dos grandes desafios tanto na prática instrumental quanto no ensino desses instrumentos. Também Lopes (2014) aborda a importância da prática em grupo realizada pelo mesmo instrumento, complementando que, ao trabalhar em grupo de câmara entre trompetistas, é possível observar e corrigir problemas idiomáticos e peculiares, como concepções de equilíbrio da sonoridade, afinação, saber liderar e seguir, tocar junto e em naipe. Conclui também que essas características da vida profissional podem ser desenvolvidas em um grupo de trompetes.

Uma das habilidades citadas com menor frequência é improvisação. Essencial para gêneros como jazz e música popular, a improvisação requer conhecimento das escalas, harmonias e habilidades de criatividade musical. Segundo Lima (2018), a improvisação é uma "competência fundamental para trompetistas que atuam em gêneros como jazz e música popular. Esta habilidade exige um profundo entendimento das escalas e harmonias, além de uma capacidade criativa para desenvolver frases musicais espontâneas e expressivas" (p. 89). Lima destaca que a prática regular e o estudo teórico das estruturas harmônicas e melódicas são indispensáveis para o desenvolvimento da improvisação musical.

A habilidade de transitar por diferentes estilos e períodos musicais repertório do trompetista é raramente citada na literatura, e, quando ocorre, se direciona mais ao jazz, mas, e com uma base técnica comum ao erudito. Segundo Vilão (2015), a criatividade e a improvisação, pilares essenciais do jazz, só podem ser plenamente desenvolvidas quando o músico possui uma sólida base técnica e uma expressividade musical apurada. Vilão (2015) salienta que, para um trompetista iniciante, é crucial percorrer diversas etapas de aprendizagem, como a escuta de diferentes estilos de jazz, a compreensão da história e dos fundamentos do gênero, o estudo da harmonia e das relações acorde/escala, além da aplicação prática da teoria na improvisação e na interação com outros músicos. Esse processo formativo contribui para a capacidade de improvisar livremente e inovar, tornando o intérprete polivalente. Para o autor, essa versatilidade é vital, pois a exigência do mercado musical contemporâneo demanda músicos capazes de transitar entre diferentes estilos, sejam eles eruditos ou populares. (VILÃO, 2015). Martinho (2014) propõe desenvolver competências auditivas e de compreensão musical nos alunos, além da inclusão de um estilo musical diferente e do desenvolvimento de sua criatividade com a inclusão de práticas de improvisação do jazz em sala de aula.

No ensino de música clássica, há uma ênfase maior na técnica e no domínio do instrumento, com um número significativo de métodos dedicados à técnica básica e à transposição, essencial no repertório orquestral. Por outro lado, alunos de jazz desenvolvem um pensamento harmônico que facilita a improvisação e a execução de solos de memória, promovendo uma interpretação mais livre e expressiva. De acordo com Charrinho (2014) essa habilidade poderia beneficiar os trompetistas clássicos, especialmente na prática da transposição, demonstrando uma interseção entre as competências desenvolvidas em ambos os estilos.

Conclusão

De acordo com a literatura consultada, o perfil do trompetista na atualidade é um processo multifacetado, que deve incluir conhecimentos e habilidades diversos. Essa abordagem deve incluir o domínio de técnicas fundamentais como embocadura, respiração e articulação, a prática regular e estruturada, a leitura musical fluente, e o estudo de repertórios variados, abrangendo desde os repertórios eruditos até o jazz, passando pela música brasileira até a música contemporânea. Adicionalmente, a improvisação e a prática em grupo são essenciais para a versatilidade e adaptabilidade do trompetista.

A partir da perspectiva citada pelos autores desta revisão de literatura, observamos que o trompetista deve dominar uma série de competências para alcançar a excelência na performance musical e atender às demandas do mercado e do contexto em que atua. Desde o desenvolvimento da embocadura e controle respiratório até a habilidade de transposição e improvisação. Além disso, a versatilidade é fundamental, permitindo ao músico transitar entre diferentes estilos musicais e contextos de atuação. De acordo com os autores, o ensino do trompete, portanto, deve oferecer uma sólida base técnica, combinada com oportunidades para explorar a expressividade musical e promover uma compreensão abrangente da performance. A constância na prática, aliada a um planejamento de estudo eficaz e ao acompanhamento de um bom professor, são elementos considerados essenciais para o desenvolvimento contínuo do trompetista.

Resta avaliar até que ponto o perfil de trompetistas que atuam em contextos não formais e fora do circuito sinfônico, como bandas de frevo, de maracatu, regionais de choro, de músicas da cultura popular, dos diversos estilos da música popular brasileira, repertórios contemporâneos, dentro outros, devem passar, igualmente, pela mesma preparação. Ainda, até que ponto e como as instituições formais de ensino entendem essa necessidade de uma formação abrangente e múltipla para seus alunos, e como isso aparece em seus programas de ensino, especialmente na escola em que atuou.

Referências

- BAPTISTA, Paulo Cesar. Metodologia de Estudo para Trompete. Dissertação de Mestrado em Musicologia. Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, 2010.
- CAMPOS, José da Silva. Técnica e Expressão no Trompete: Fundamentos para a Formação do Trompetista. São Paulo: Editora Musical, 2010.
- CASCAPERA, Sérgio. Método elementar para trompete, trombone ou bombardino em clave de Sol. 1989.
- CHARRINHO, Sérgio Faria Franco. Abordagem comparativa ao ensino do trompete na música clássica e no jazz: um estudo de caso. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidades Lusíada (Portugal).
- COELHO, F. A. S. Uma abordagem pedagógica a questões técnicas e metodológicas do ensino do trompete no âmbito das escolas profissionais de música em Portugal. Lisboa, 2013. Dissertação (mestrado em ensino de música) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Lusíada, 2013.
- CORRÊA, Biraelson Magalhães. O processo de formação do instrumentista em trompete nas escolas profissionalizantes de música. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Acesso em: 08 nov. 2023.
- DAVIDSON, Louis. Trumpet profiles. (No Title), 1975.
- DISSENHA, F. Sopra Novo Yamaha Bandas-Caderno de Trompete. Irmãos Vitale, 2008.
- FARKAS, Philip. A Photographic Study of 40 Virtuoso Horn Players' Embouchures. Wind Music, Incorporated, 1970.
- FREITAS, Antônio Carlos. Prática Instrumental e Desenvolvimento Técnico: Um Guia para Músicos. Rio de Janeiro: Editora Harmonia, 2012.
- HICKMAN, D. Trumpet Pedagogy: a compendium of modern teaching techniques. Chandler: Hickman Music Editions, 2006. 312p.
- JOHNSON, Keith. The Art of Trumpet Playing. Ames. Iowa: The Iowa State, 1981.
- LIMA, João. Improvisação Musical: Teoria e Prática para Instrumentistas de Sopra. Salvador: Editora Jazzística, 2018.
- LOPES, Maico Viegas. Brazilian music for trumpet ensemble: an evolving repertoire. International Trumpet Guild Journal, vol 38, nº 4 (June 2014), p. 53-55. 2014.

MAESTRELLO, Dino. Trompete: aspectos físicos e orgânicos da performance musical- proposta de atividade física para melhor desempenho e manutenção da performance. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARTINHO, Carlos Filipe Neivas Gonçalves. O potencial pedagógico da improvisação (Jazz) no processo ensino. Dissertação (mestrado) – Universidade do Minho Instituto de Educação, Portugal, 2014.

MOTA JÚNIOR, P. F. ; SCHWEBEL, H. K. N. Trompetistas egressos das escolas de música da UFMG e UEMG: relação entre o processo de formação e atuação profissional. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

MURINE, Eric R., "A Progressive Guide to Commercial Trumpet Playing". Tese - Doutorado; University of Kentucky, 2013.

PEREZ, Francisco. Plataforma Digital Trompete Orquestral: Material Didático sobre os Excertos Orquestrais para Trompete. Anais do SIMPOM, n. 7, p. 177-188, 2022.

SACHS, Michael. Daily Fundamentals for the trumpet. International Music Company, 2002.

SCHEFFER, Jorge Augusto. Desenvolvimento da percepção auditiva na aprendizagem do trompete. 2012.

SCHULLER, Gunther. Horn Technique. London: Oxford University Press, 1962.

SILVA, Ricardo. Leitura Musical para Instrumentistas de Sopra: Fundamentos e Práticas. Porto Alegre: Editora Musical Brasileira, 2015.

SIMÕES, Nailson. A escola de trompete de Boston e sua influência no Brasil. DEBATES- Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música, n. 5, 2001.

STEVENSON, Timothy Francis. A Practical Tutor for the Developing Trumpet Player: Performance Tips, Analysis and Discography of Five Intermediate Pieces from Representative Lists of Solo Literature. 2008. Tese de Doutorado. Indiana University of Pennsylvania.

VECCHIA, Fabrício Dalla. Iniciação ao trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba: processos de ensino e aprendizagem dos fundamentos técnicos na aplicação do método da capo. 2008.

VILÃO, J.P. L. da C. A importância do processo ensino – aprendizagem do trompete entre a música erudita e o jazz, tendo como objetivo a versatilidade na performance. Lisboa, 2015. Dissertação (mestrado em ensino de música) – Instituto Politécnico de Lisboa Escola Superior de Música de Lisboa, 2015.